

MELHOR DO QUE MUITOS PENSAM. QUATRO DICIONÁRIOS BILÍNGÜES PORTUGUÊS – INGLÊS DE USO ESCOLAR

Philippe Humblé
Universidade Federal de Santa Catarina
philippe.humble@gmail.com

Resumo: Neste artigo comparam-se quatro dicionários bilíngües entre os mais populares no mercado brasileiro: o Longman Escolar (2002), o Oxford Escolar (1999), o Larousse Essencial (2005) e o Michaelis Escolar (2001). Avalia-se seu conteúdo ao nível de número de verbetes, tipo de verbetes, uso de exemplos e a adequação ao uso tanto no sentido da produção quanto da compreensão. Chega-se à conclusão que todos quatro são melhores do que muitas vezes se espera, embora algumas decisões não parecem revelar de uma política firmemente estabelecida em alguns deles.

Palavras-chave: dicionários bilíngües inglês/português.

Abstract: This article sets out to compare four popular bilingual Brazilian dictionaries: Longman Escolar (2002), Oxford Escolar (1999), Larousse Essencial (2005) and Michaelis Escolar (2001). Included in the comparison are: the number of entries, the type of microstructure and the use of examples, as well as an examination of the dictionaries' adequacy in terms of encoding and decoding. The conclusion is that all four dictionaries are better than is commonly expected, even though some features do seem to reveal a lack of lexicographical policy in some of them.

Keywords: English/Portuguese Bilingual dictionaries.

Introdução

Como os estudiosos sabem, uma das coisas mais surpreendentes dos professores de línguas, no Brasil e no mundo, é que eles

passam vários anos estudando a gramática, o léxico e a literatura da língua que eles ensinam, mas se sentem incômodos de responder quando seus alunos perguntam qual dicionário eles deveriam adquirir. Esses mesmos professores possuem um ou vários dicionários em casa, os usam com frequência, mas nunca parecem ter se perguntado porque usavam um mais do que outro. Por quê?

Uma primeira resposta é que não abundam os estudos sobre o tema. Os únicos que são quase permanentemente vigiados são os *learner's dictionaries* ingleses. Os bilíngües o são muito menos. Como dizem Bugueño e Damim (2005) num artigo que merece uma leitura atenta: “A ausência de uma sólida tradição lexicográfica no cenário brasileiro atual é uma das razões pelas quais professores e estudantes enfrentam dificuldades para selecionar um dicionário bilíngüe.”

Uma segunda explicação pela aparente ‘virgindade’ dos professores de línguas no que se refere aos dicionários seria que esses são comprados sem muito critério, ou com critérios questionáveis: presença na estante na livraria, preço, peso ou número de verbetes. Seriam o que Damim e Bugueño (2005) chamam de ‘os mitos que cercam o dicionário bilíngüe’. Não houve, na faculdade, muita instrução no que se refere à educação lexicográfica.

Uma terceira resposta seria que os professores, em geral, possuem somente um dicionário, o que torna difícil a comparação. No caso de ter vários, os professores se resignam a usar um dicionário para uma tarefa, outro para outra, se é que os dicionários não parecem muito iguais. Porque os dicionários parecem certamente iguais, muitas vezes, ou não passíveis de serem avaliados e, conseqüentemente, melhorados. Os dicionários parecem, de certa forma, ‘incomparáveis’. Dão a impressão de não terem autor além de um deificado Michaelis, Houaiss ou Larousse, ou se escondem atrás de nomes de Universidades como Oxford ou Cambridge. Finalmente, os dicionários parecem enormes, mesmo os ‘mini’, e compará-los é um trabalho tão desagradável e longo quanto compô-los.

É, no entanto, necessário comparar os dicionários porque eles não são iguais. Primeiro, para poder orientar os professores que, por sua vez, vão orientar os alunos. Segundo, porque só dessa maneira os dicionários podem ser melhorados.

Neste artigo pretende-se avaliar quatro dicionários bilíngües de inglês entre os mais populares: o Longman Escolar (2002), o Oxford Escolar (1999), o Larousse Essencial (2005) e o Michaelis Escolar (2001). Não se trata de um artigo que esgote a questão e somente alguns itens serão avaliados: os números 'crus', a macroestrutura, os exemplos, o uso de corpóra.

Números dos dicionários

Os dados mais chamativos e mais imediatamente avaliáveis dos dicionários são indubitavelmente os números. No que segue damos um quadro do número de páginas e do número de verbetes de cada dicionário.

	Oxford (1999)	Michaelis (2001)	Longman (2002)	Larousse (2005)
Páginas Port-Ingl	284	429	348	315
Páginas Ingl-Port	368 (+ 84)	389 (-40)	422 (+ 74)	381 (+ 66)
Tamanho da página	11x18	11x15	13x18	20,5x13,5
Páginas extra	15+ 16	20	16+ 22	11+ 32
Total	684	843	796	739

Embora o tamanho não seja um critério muito sofisticado, o número de páginas de um dicionário dá alguma indicação sobre

suas ambições. O Michaelis é o maior de todos os dicionários analisados, mas o tamanho das páginas é o menor. O Oxford é o de menos páginas, 159 a menos do que o Michaelis. A fonte usada nos quatro dicionários é a mesma e a entrelinha também.

O número de páginas incluídas em cada direção do dicionário – português-inglês ou inglês-português – é importante porque dá indicações sobre as intenções, declaradas ou não, dos autores dos dicionários. Como Béjoint (1981) já notou nos anos 80, para compreender uma língua, a macroestrutura é mais importante do que a microestrutura. Para produzi-la, é o contrário. Em outras palavras, para poder compreender um texto, precisamos da maior variedade possível de vocábulos na língua estrangeira. Um usuário que está lendo um livro não vai procurar no dicionário palavras cujo significado ele aprendeu na sala de aula. Ele vai procurar palavras menos frequentes como “cajole” ou “caliper”. Na hora de produzir, no entanto, um aprendiz vai ter problemas com o uso, inclusive de palavras muito comuns como *make* e *do*. Essas, portanto, terão que ser muito bem explicadas. Isso significa que a microestrutura deverá ser bem elaborada. O espaço dedicado a cada palavra terá que ser maior do que aquele dedicado à mera tradução de uma palavra desconhecida.

Estranhamente, todos os dicionários aqui analisados têm mais páginas na direção inglês-português, com a exceção do Michaelis, onde o contrário é verdade. Isso pareceria indicar uma maior macroestrutura em três dos quatro dicionários no sentido inglês-português. Uma nomenclatura maior costuma ocupar mais espaço do que uma microestrutura mais elaborada. Ou seja, três dos quatro dicionários estariam explicitamente voltados para um público brasileiro¹, dando a tradução do maior número de vocábulos possíveis em inglês e, supostamente, uma maior informação sobre o uso das palavras traduzidas para o inglês.

Sabemos que a visão do dicionário como instrumento de produção de uma língua é relativamente recente. Em termos de lexicografia um período de 30 anos é muito pouco! Daí que um olho trei-

nado reconhece os dicionários bilíngües mais antigos pelas entradas curtas, ou seja, a ênfase dada na nomenclatura. O Michaelis, nesse sentido, aparenta ser de uma concepção mais antiga, sem que isso implique um juízo de valor, como aparecerá na hora da análise de outras características.

2. Número de Verbetes

No caso dos dicionários pesquisados, há uma diferença entre o Oxford e o Longman, por um lado, e o Larousse e o Michaelis do outro. Este último contaria somente 25.000 verbetes, enquanto os ingleses contariam mais do que o dobro.

Dicionário (1999)	Oxford (2001)	Michaelis (2002)	Longman (2005)	Larousse
Verbetes	56.000 (70.000 traduções)	25.000 (75.000 traduções)	62.000	55.000 (80.000 traduções)
CD	Sim (somente no sentido inglês-português)	Sim (inglês-português e português-inglês)	Não	Não

A contagem de verbetes é um dado muito relativo, como sabem os lexicógrafos, porque alguns editores preferem colocar diversas acepções, ou palavras compostas de uma mesma palavra no interior do próprio verbete, enquanto outros preferem formar verbetes novos. O velho problema homonímia/polissemia. Para alguns *call off* faz parte do verbete *call*, enquanto para outros é um verbete a mais. Nos casos sob investigação, o Michaelis não parece ter tantos verbetes a menos do que os outros dois. O número de verbetes declarado não condiz, ademais, com o número de páginas, já que o Michaelis é o dicionário que mais tem. Uma contagem de verbetes, a seguir, comprova esta afirmação.

Não é sem conseqüência notar que o Oxford e o Michaelis contêm um CD-ROM, muito prático. O Michaelis é o mais avançado, já que ele oferece o conteúdo do dicionário inteiro, enquanto o Oxford traz somente o lado inglês-português. Este último, ademais, não permite a cópia do texto para outros aplicativos.

Os verbetes ‘reais’

Quando formos olhar de mais perto para os verbetes, constatamos que as escolhas não são idênticas. Lembramos que, desde o ponto de vista do aprendiz brasileiro, o lado inglês-português é o lado da compreensão e o lado português-inglês o lado da produção. Vejamos primeiro o lado inglês-português.

Inglês - Português

Partimos do princípio que, nesta direção, ‘ganharia’ o dicionário que oferecesse a maior número de verbetes incomuns. Entre a letra *C* e *call*, encontramos os seguintes verbetes.

Oxford	Michaelis	Longman	Larousse
c	c	c	c
			c., ca.
cab	cab	cab	cab
	cabby		cabaret
	cab-driver		
cabbage		cabbage	cabbage
cabin	cabin	cabin	cabin
			cabin class
			cabin crew
cabinet	cabinet	cabinet	cabinet
cable		cable	cable
cable car		cable car	cable car

	cable tv	cable television	cable television/ cable tv
	cache		cache
cackle	cackle		cackle
			cactus
	cad		
cadet	cadet	cadet	cadet
	cadge		cadge
	cadre		
caesarean		caesarean	caesarean
cafe	café	cafe	café, café
cafeteria	cafeteria	cafeteria	cafeteria
caffeine		caffeine	caffeine
cage		cage	cage
cagey	cagey	cagey	cagey
			cagoule
	cajole		cajole
cake		cake	cake
caked		caked	caked
	calamitous		
calamity			
	calcium	calcium	calcium
calculate	calculate	calculate	calculate
	calculating		calculating
		calculation	calculation
calculator		calculator	calculator
calendar	calendar	calendar	calendar
calf		calf	calf
caliber		caliber	calibre, caliber
			california
	caliper		calipers
call	call	call	call

Uma primeira constatação é que o Larousse conta com 38 entradas entre C e call, o Longman e o Oxford 25, e o Michaelis 24. Chama, ademais, a atenção que as escolhas de Longman e Oxford quase coincidem, enquanto o Michaelis ostenta algumas inclusões e omissões interessantes. Neste último caso, chama a atenção a

omissão de *cable*, *cabbage*, *caesarean*, *caffeine*, *cage*, *cake*, *calculator* e *calf*, e a inclusão de *cache*, *cajole* e *caliper*. As primeiras espantam porque são muito comuns e as segundas porque são muito incomuns. Partiu-se da suposição que um aprendiz saberia o que é um *cable* e um *cabbage*, mas não o que é um *caliper*? É possível que os autores do Michaelis tenham raciocinado certo, pensando que um usuário brasileiro precisaria de palavras pouco freqüentes ao usar a parte inglês-português do dicionário, e não de palavras comuns. A inclusão de palavras incomuns e a exclusão de palavras comuns, se for o resultado de uma política consciente e for uma característica consistente do dicionário como um todo, é um dado interessante e demonstraria que os compiladores têm consciência das necessidades do seu público. *In dubio, pro reo*.

O Larousse, o mais recente, é o que mais entradas traz. É também o único a trazer informações de caráter enciclopédico (Califórnia), talvez pela tradição da editora. Esta parte enciclopédica parece, aliás, estar mais desenvolvida no lado português – inglês onde aparecem traduções para IPC, IPVA, IPTU e outros.

Mas não só de entradas vive o dicionário, importa ver também de que maneira se estruturam os verbetes. No caso de *call*, o Michaelis dá 2 exemplos e 16 locuções². O Longman dá 15 exemplos e 17 locuções. O Oxford dá 14 exemplos e 14 locuções. O Larousse 4 exemplos e 14 locuções. Mais uma vez o Michaelis e o Larousse se parecem e o Oxford e o Longman, por sua vez, também. Veremos que este esquema se repete na direção inversa. Os dicionários de editoras inglesas têm uma clara tradição britânica que privilegia uma aprendizagem através do exemplo. Não por acaso o corpus é uma ocupação basicamente britânica. Isso dá ao Oxford e ao Longman um ar mais ‘moderno’, mesmo que esta não seja uma classificação muito científica. Alguém parece ter refletido sobre como as pessoas aprendem uma língua, que itens podem ser excluídos e o quais devem ser enfatizados.

É claro, por outro lado, que um aprendiz que esteja procurando um equivalente inglês para ‘IPVA’ achará o Larousse o dicionário ideal. Mas não há dúvida que não será a maioria dos alunos.

Português – Inglês

O caso da produção é bem mais difícil do que o da compreensão. É nessa hora que as diferenças entre os dicionários aparecem mais claramente. Num caso como este que estamos avaliando, algumas escolhas específicas teriam que ser feitas se, como afirmam os autores dos dicionários, o público alvo fosse realmente o brasileiro.

Oxford	Michaelis	Longman	Larousse
	c	c	c
cá	cá	cá	cá
			ca (centro acadêmico)
	caatinga		caatinga
			cabal
	cabalístico		cabalístico
cabana	cabana	cabana	cabana
			cabaré
	cabeamento		
cabeça	cabeça	cabeça	cabeça
cabeçada	cabeçada	cabeçada	cabeçada
cabeça-de-casal	cabeça-de-casal		
cabeça-de-vento			
cabeça-dura			
cabeçalho	cabeçalho	cabeçalho	cabeçalho
cabecear	cabecear		cabecear
cabeceira	cabeceira	cabeceira	cabeceira
cabeçudo	cabeçudo		cabeçudo
cabeleira	cabeleira		cabeleira
cabeleireiro	cabeleireiro	cabeleireiro	cabeleireiro
cabelo	cabelo	cabelo	cabelo
	cabeludo	cabeludo	cabeludo
caber	caber	caber	caber
cabide	cabide	cabide	cabide
			(cabide de empregos)
cabimento	cabimento	cabimento	cabimento

	cabina		
cabine	cabine	cabine	cabine
cabisbaixo	cabisbaixo		cabisbaixo
cabo	cabo	cabo	cabo

Quando investigamos o número de entradas entre C e Cabo, percebemos que o Michaelis e o Larousse contam com 24 verbetes, seguidos pelo Oxford (20) e pelo Longman (15).

As diferenças podem parecer pequenas, mas eu acho que são importantes. As tendências da parte inglês-português se confirmam. O Michaelis e o Larousse despontam. No caso desses dicionários, no entanto, a escolha nem sempre parece justificada. É improvável que um usuário iniciante queira se aventurar a formar uma frase com *cabeamento*, *cabal* ou *cabalístico*.

Um caso concreto: vejamos quais as locuções incluídas no verbete ‘cabeça’. Percebemos que as diferenças entre os quatro dicionários são notáveis. O Michaelis lista nada menos do que 32 locuções com *cabeça*, enquanto o Oxford traz 12, o Larousse 11 e o Longman 7. O Michaelis se revela superior, embora seja necessário frisar que nem o Michaelis, nem o Larousse dão exemplos de uso, enquanto ambos dicionários ingleses sim os trazem. A ênfase cai, no Oxford e no Longman, claramente na produção: não oferecem tantos dados, mas os dados são documentados. O Larousse, neste último quesito, fica na desvantagem, porque traz poucas locuções, e também não traz exemplos que justificariam sua ausência.

Oxford (sempre com exemplos das locuções)	Michaelis (sem exemplos)	Longman (sempre com exemplos das locuções)	Larousse (sem exemplos)
Falta de cabeça	abaixar a cabeça	Por cabeça	De cabeça
Cabeça de alho	acertar o prego na cabeça	De cabeça	Por cabeça
De cabeça	andar com a cabeça no ar	De cabeça pra baixo	Passar pela cabeça

De cabeça pra baixo	aprender de cabeça	Meter na cabeça algo	Subir à cabeça
Estar/andar com a cabeça nas nuvens /na lua	assentar a cabeça	Não estar com a cabeça para algo/ para fazer algo	Cabeça fria
Estar com a cabeça girando	cabeça de alfinete	Quebrar a cabeça	De cabeça a cabeça
Estar com a cabeça num turbilhão	cabeça dura	Tirar algo da cabeça	Usar a cabeça
Fazer a cabeça de alguém	cabeça fria		De cabeça pra baixo
Meter / enfiar algo na cabeça	cabeça oca		Fazer a cabeça de alguém
Não estar bom da cabeça	com a cabeça para frente		Não esquentar a cabeça
Por cabeça	da cabeça aos pés		Perder a cabeça
Ter cabeça	de cabeça para baixo		
	dor de cabeça		
	duro de cabeça		
	ele arrisca a sua cabeça		
	estar de cabeça virada por alguém		
	eu não consigo tirar da cabeça		
	fazer a cabeça de		
	ganhar por cabeça		
	ir pras cabeças		
	levar na cabeça		
	mergulhar de cabeça		
	meter na cabeça		
	não cabe na cabeça de ninguém		
	não é bicho de sete cabeças		
	não estar certo da cabeça		
	quebrar a cabeça		

	subir à cabeça	
	ter a cabeça nas nuvens	
	ter a cabeça no lugar	
	ter cabeça	
	ter cabeça para matemática	
	usar a cabeça	
	virar a cabeça de	

Uma conclusão geral que pode ser tirada desta comparação de verbetes é que qualquer julgamento rápido sobre a qualidade dos quatro dicionários seria precipitado. Emane deste quadro que os quatro dicionários se completam e que algo que não se encontra em um dicionário, pode estar em outro. Um perfil que, apesar das semelhanças, começa a despontar depois desta análise, é que o Michaelis visa muito mais a completude, apesar de supostamente ter menos verbetes, do que o Longman e o Oxford, que parecem tender a uma seleção pensada no ensino da língua, não na consulta. Eles são, portanto, dicionários mais ‘pedagógicos’ do que o Larousse ou o Michaelis. Este último surpreende por, apesar do tamanho reduzido, fornecer mais informações do que os outros, embora de forma menos didática. Neste sentido o Michaelis dá a impressão de ser um dicionário para aprendizes mais avançados. Ele contém muitas equivalências, às vezes de vocábulos menos comuns, esquece os muito comuns, e não se preocupa em dar exemplos que possam ajudar o usuário na hora da produção. O Larousse também surpreende, mais do que nada pela seleção da macroestrutura, já que ele conta com verbetes que não aparecem em nenhum outro dicionário. Nos verbetes comentados acima, há a presença da sigla CA (Centro Acadêmico), que parece pensado com um público específico em mente. É, aliás, o público! Há de se observar, no entanto, que a ‘tradução’ de CA se dirige paradoxalmente a um público anglófono: “centre in a Brazilian university where students meet to discuss problems during their course etc.” Uma aparente

contradição que nos faz perguntar se a política de redação do dicionário foi bem pensada antes da compilação. A definição do público alvo do Larousse talvez não tenha sido bem discutida. Reflexão esta que nos leva ao próximo ponto.

2. O público

Todos os lexicógrafos devem se preocupar com o seu público alvo. Como dicionários são empreendimentos comerciais que visam dar lucro, não é de se espantar que os editores de dicionários gostariam que o seu público fosse o mais amplo possível. Isso, no entanto, não resulta em benefícios para o usuário. Quanto mais um dicionário for concebido com um usuário específico em mente, melhor. Cada usuário tem suas necessidades e um dicionário pode oferecer informações de menos ou demais. Em nenhum desses casos, o dicionário cumprirá sua função da maneira mais adequada. Como se dá esta circunstância nos dicionários estudados?

Ao contrário dos dicionários mais antigos, os dicionários publicados nos últimos dez anos costumam explicitar mais claramente o público ao qual se dirigem.

O Longman diz na capa que contem “todas as palavras e frases que os estudantes brasileiros necessitam em seus estudos e todas as palavras e frases da língua portuguesa das quais eles precisam do equivalente para se expressar em inglês”.

O Oxford afirma: “O único dicionário bilíngüe de bolso que atende às necessidades específicas do estudante brasileiro.”

O Michaelis: “Este dicionário foi especialmente criado para os brasileiros que estudam a língua inglesa”.

O Larousse é mais específico: “Ele atende tanto a estudantes da língua inglesa, seja em casa ou na escola, quanto às necessidades de um profissional em seu ambiente de trabalho ou em viagens ao exterior.”

É notável que os quatro dicionários declaram se dirigir especificamente a um público brasileiro, indo contra a tradição

lexicográfica européia que costuma fazer dicionários bilíngües dirigidos a dois públicos. Nesse sentido os dicionários brasileiros são mais avançados do que os europeus. Agora seria preciso ver se o que os dicionários afirmam nas suas cartas de apresentação é o que eles realmente fazem. Quais são as necessidades dos aprendizes brasileiros ao usar um dicionário escolar bilíngüe inglês? São mais do que nada duas: *entender* textos que vão de simples a complicados, e *produzir* textos relativamente simples, embora corretos. Se formos pesquisar em verbetes concretos dos diferentes dicionários, o que encontramos que corresponda a essas necessidades?

Compreensão. Um caso concreto.

Para simular um caso específico de uso, selecionei aleatoriamente um trecho de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de Robert Stevenson e tentei imaginar quais palavras o aprendiz brasileiro procuraria no dicionário. O conto começa da seguinte maneira:

MR. UTTERSON the lawyer was a man of a **rugged countenance**, that was never **lighted** by a smile; cold, **scanty** and embarrassed in discourse; **backward** in sentiment; **lean**, long, **dusty**, **dreary**, and yet somehow lovable. At friendly meetings, and when the wine **was to his taste**, something eminently human **beaconed** from his eye; something indeed which never **found its way** into his talk, but which spoke not only in these silent symbols of the after-dinner face, but more often and loudly in the acts of his life.

As palavras negritadas são as que poderiam causar problemas. Os dicionários os tratam da seguinte maneira:

	Oxford	Longman	Michaëlis	Larousse
rugged	1. (terreno) acidentado 2. (montanha) escarpado 3. (feições) marcado	1. escarpado (terreno, montanha) 2. anguloso (rosto, feições)	1 áspero, desigual, rugoso, sulcado. 2 rude, ríspido. 3 severo, austero, rígoroso. 4 escabroso, escarpado, irregular, acidentado.	1. [rocky, uneven] acidentado(a) – 2. [sturdy] potente –3. [roughly handsome] rústico(a) e atraente.
countenance	— (só o verbo 'to countenance')	—	—	—
lighted/light clear	Acender(-so), iluminar, clarear	1. acender, 2. acender(-se), pegar [fogo]: the fire won't light O fogo não quer pegar 3. iluminar poorly lit,	iluminar, acender.	(ignite) acender. (illuminate) iluminar
scanty	escasso	—	1. escasso, pouco, apertado. 2. insuficiente	1. [dress] mínimo(ma) 2. [amount, resources] escasso(as) 3. [meal] insuficiente
backward	1. para trás a backward glance, uma olhada pra trás. 2. atrasado	1. para trás without a backward glance sem olhar pra trás 2. atrasado (pais, região) 3. retardado (criança)	1. para trás. 2. em ordem inversa. backward linkage/ encadeadamente em ordem inversa. 3. de mal a pior, retrógrado. backward integration / integração retrógrada. 4. de desenvolvimento retardado. a backward child / uma criança retardada.	1. [directed towards the rear] para trás, 2. pej. [late in development – person] retardado(da); [society, ideas] atrasado(da)
lean	1. (pessoa, animal) delgado, esguio 2. (carne) magro	1. esbelto, enxuto 2. magro (carne)	1 magro. 2 delgado (animal).	(gen) Magro(gra) 2. fig. (harvest, year) improdutivo(va)
dusty	empoeirado	empoeirado	empoeirado	[covered in dust] empoeirado(da)
dreary	1. deprimente, 2. chato	deprimente, sombrio	triste, melancólico, monótono, deprimente	1. [gloomy, depressing] sombrio(a) 2. [dull, boring] chato(ta)
beacon	— (somente o substantivo)	— (somente o substantivo)	1. iluminar, guiar, avisar por meio de luz. 2. brilhar, luzir.	— (somente o substantivo)

Transparece desta breve comparação que os diferentes dicionários tratam as mesmas palavras de maneiras diferentes. O

Michaelis é o mais profícuo. Ele lista o maior número de equivalências. Nele, há 13 traduções para *rugged*, comparado com 3 no *Oxford*, 2 no Longman, e 3 no Larousse. O Michaelis também é o único que nos dá uma opção aceitável para a combinação *rugged countenance* como aparece no conto, e no caso de *beacon*, ele é o único dicionário a dar uma tradução. Isto o caracteriza como um bom dicionário de compreensão.

Vale a pena assinalar que os quatro dicionários mencionam colocações, embora de maneira diferente e de tipo diferente. Assim, o Michaelis menciona duas colocações no caso de *backward*, ambas pertencendo ao mundo empresarial. Oxford e Longman mencionam *backward glance*. O Larousse sistematicamente menciona etiquetas para as palavras procuradas, o que por vezes é uma forma de oferecer colocações.

Concluindo, pode-se dizer que o Michaelis é um dicionário de compreensão e que os três outros se dirigem a um público de aprendizes brasileiros interessados também em aprender a língua ativamente. O Larousse, com as etiquetas em inglês, parece dirigido a um público mais avançado.

Produção

Aqui pesquisei de que maneira os dicionários ajudam o usuário na produção do inglês. Redigi uma tabela baseada no texto seguinte. Esta vez só mantive as palavras do verbete que mais se aproximavam à palavra desejada (os comentários em itálico são meus).

Cuidados simples e **caseiros** podem umidificar o ar dentro de casa e **aliviar** os sintomas **provocados** pelo ar seco. O problema, **causado** pela estiagem, tem **piorado** a qualidade do ar em todo o Estado de São Paulo, onde não chove desde os últimos dias 9 e 10. (Folha de São Paulo, 25/07/2006)

	Oxford	Longman	Michaelis	Larousse
cuidado	Care (<i>com alguns exemplos</i>)	Care (<i>com muitas explicações</i>)	precaution	care
caseiro	Home-made	Homemade	Home-made	Home-made
aliviar	To relieve	To relieve	To alleviate, relieve, lessen	To relieve
provocar	To cause	To cause	To cause	To provoke
piorar	To get worse	To get worse	To worsen, to make or to become worse	To deteriorate

Aparentemente os dicionários oferecem alternativas comparáveis. Porém, algumas diferenças saltam à vista. No caso de *cuidados* unicamente o Michaelis dá uma alternativa plausível, embora somente alguém com domínio razoável do inglês reconhecerá entre a multidão de alternativas a palavra certa. O Longman e o Oxford dão menos alternativas, mas para essas palavras esses dicionários dão exemplos de uso. Nesse aspecto, o Larousse é o dicionário mais pobre. Destaca-se o Michaelis novamente, no sentido de ser o dicionário que mais equivalências oferece e, em alguns casos como *piorar*, também um número considerável de colocações. Nenhum dos dicionários, no entanto, seria por si só suficiente para traduzir este trecho de jornal num inglês totalmente correto.

Informação gramatical e cultural

O pequeno Michaelis, mais uma vez, não perde para os grandes irmãos na hora dos comentários gramaticais, das caixinhas que explicam uma ou outra distinção entre palavras parecidas ou falsos amigos. Na letra C encontramos sete notas explicativas no Michaelis (*can, casual, casualty, chairman, combine, comprehensive, construct*). No Larousse achamos sete (*can, carton, casual, cigar, collar, college, costume*). No caso do Longman seis (*can, candy,*

college, color, could, cup), e no caso do Oxford três (*can, conduct, continual*). O fato do assunto destas notas não coincidirem me surpreendeu. Somente *can* aparece comentado nos quatro dicionários. Os outros são diferentes. Uma conclusão: os dicionários se copiam menos do que se comenta. Uma pergunta: será que a escolha dos aspectos a serem comentados é aleatória?

No que se refere à qualidade das notas explicativas, esta é desigual. Há um único caso comparável, o de *can*. O comentário é bastante bom no caso do Longman e do Michaelis, razoável no caso do Oxford e um pouco menos satisfatório no caso do Larousse. Um estudo mais detalhado poderia revelar se há uma política editorial por trás dos comentários explicativos, ou se esta é deixada a critério dos lexicógrafos.

Informação fonética

A informação fonética, pela sua presença ou não, revela as intenções dos editores.

Transcrição fonética do:	Oxford	Longman	Michaelis	Larousse
Português	Não	Não	Sim	Sim
Inglês	Sim	Sim	Sim	Sim

Como pode ser constatado, novamente há dois grupos: Oxford e Longman de um lado, Michaelis e Larousse, do outro. Num dicionário dirigido a um público brasileiro a transcrição fonética do português como aparece no Michaelis e no Larousse obviamente não é necessária. Isso não quer dizer que o resto do dicionário não foi concebido com este público em mente. Só significa que se pensou também em vender alguns exemplares a falantes de inglês.

O Oxford e o Longman não tiveram esta preocupação e por isso convencem mais como sendo obras de referência preocupados uni-

camente com o público brasileiro. Um estudo mais aprofundado teria que confirmar ou não estas primeiras conclusões.

Conclusão

A conclusão à que se chega depois desta primeira análise é que, em termos de dicionários escolares, os alunos brasileiros estão relativamente bem. Há pelo menos quatro dicionários a preços acessíveis que são todos sérios, de ótimo nível. É sem dúvida possível criticar todos eles (mas nada é mais fácil do que criticar um dicionário).

O Michaelis, provavelmente o mais popular entre os dicionários pesquisados, não se revela uma má escolha. Embora afirme ter menos verbetes do que os outros três, ele aparenta ter mais do que declara. Uma estranha constatação. É um dicionário feito com muito conhecimento, mesmo se mostrando o mais tradicional. Os dicionários Oxford e Longman se parecem em certos aspectos, mas diferem em outros. Eles são os mais modernos dos quatro. Não por acaso eles são os únicos que mencionam o uso de um corpus, embora não esteja totalmente claro de que maneira este corpus foi usado. São os dicionários que mais se preocupam com o aspecto didático. O Larousse, finalmente, se destaca por oferecer equivalências de palavras que nenhum dos outros dicionários ostenta.

Esta pesquisa é certamente parcial e o trabalho de muitas pessoas, muitas vezes durante muitos anos, merece que estas obras de consulta se estudem de maneira mais detalhada. Falta incluir nesta pesquisa a avaliação das políticas lexicográficas de cada um destes dicionários para averiguar se eles foram feitos, como diria Maria Cristina Parreira da Silva, seguindo “critérios predeterminados dentro de uma base teórica, para que recebam um tratamento homogêneo tanto na macro quanto na microestrutura”. (Parreira, 2006:34)

Resumindo, cada um desses dicionários tem alguma coisa a oferecer que o outro não oferece e os resultados foram, para mim,

surpreendentes. Cada um deles representa, por um preço modesto, uma obra de consulta feita com muita seriedade.

Bibliografia

1. AMARAL, Vera L.. Análise Crítica de Dicionários Escolares Bilingües Espanhol-Português: Uma Reflexão Teórica e Prática. (Tese de Doutorado em Letras, UNESP, Assis.) 1995.
2. BÉJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: A study of language needs and reference skills. *Applied Linguistics* II,3: 207-222. 1981.
3. DAMIM C., BUGUEÑO MIRANDA F. Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilingües português/inglês, em *Entrelinhas* Ano II, n° 3, set/dez 2005 disponível em: <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=18>, 2005.
4. PARREIRA M. C. Lexicografia bilingüe: uma verificação dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilingües francês-português e português-francês em NUNES DE OLIVEIRA LONGO B. e DIAS DA SILVA B. C. (org.) *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*, Cultura Acadêmica, UNESP, Araraquara, 2006.
5. SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilingües. In: OLIVEIRA, A. e ISQUERDO, A. N. (org.), p. 159-168. 1998.

Dicionários pesquisados

MICHAELIS Dicionário escolar inglês-português / português-inglês, Melhoramentos (créditos: Ivanete Tosi Araújo Silva, Jeferson Luis Camargo, Maria Thereza Parreira Stetner, Sérgio Ifa, Guiomar Therezinha Gimenez Boscov), São Paulo, 2001.

OXFORD Dicionário escolar para estudantes brasileiros de inglês, Oxford University Press, 1999.

LONGMAN Dicionário escolar inglês-português / português-inglês, (créditos: Rita de Cássia Marinho Bueno de Abreu, Claudia Maria de Souza Amorim, Susana D'Avila, Heloisa Gonçalves Barbosa, Robert Clevenger, Regina Lyra, Kathleen Micham, José Ferreira Newman, Adalgisa Campos da Silva, João Mario Werner. Harlow, 2002.

Gálvez, J. A. (Coord. Ed.) *LAROUSSE Essencial Dicionário inglês-português / português-inglês*, Larousse do Brasil, São Paulo, 2005.